

KRENAK, Ailton. *Um rio um pássaro.* Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.

Rodrigo Felipe Veloso

Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES) | Montes Claros | MG | BR

rodrigof_veloso@yahoo.com.br

<https://orcid.org/0000-0001-7840-584X>

Ailton Krenak é um dos mais influentes pensadores indígenas contemporâneos, reconhecido por suas reflexões sobre os direitos dos povos originários, o meio ambiente e a relação entre humanidade e natureza. Nascido em 1953, na aldeia Krenak, às margens do Rio Doce, em Minas Gerais, pertence ao povo Krenak, etnia que historicamente sofreu os impactos da colonização, da marginalização social e da destruição de suas terras.

Em *Um rio um pássaro*, Krenak aprofunda a discussão sobre a relação entre humanidade e natureza, a devastação dos ecossistemas e a necessidade de resgatar modos de vida mais integrados ao mundo natural. A obra reúne dois ensaios: “Um rio um pássaro”, escrito nos anos 1990, e “Uma cachoeira”, texto mais recente, de 2023. Antes do primeiro ensaio, há um prefácio de Hiromi Nagakura, intitulado “Ailton Krenak”, no qual o autor rememora experiências vividas com o escritor e ativista. Nagakura narra, por exemplo, a cena em que Krenak discursou no Congresso Nacional sobre os assassinatos de indígenas nos conflitos pela terra, afirmando: “todos vocês devem saber quanto sangue indígena foi derramado em cada metro deste imenso território brasileiro” (Krenak, 2023, p. 13). E prossegue: “Ainda hoje nos defrontamos com a violência que vem da ganância e do poder econômico, da disseminação contra os povos originários. Por favor, parem de negar os fatos” (Krenak, 2023, p. 13). Trata-se de uma referência direta ao célebre discurso que Krenak proferiu na Assembleia Constituinte de 1987.

Essa circunstância evidencia a força de sua intervenção política, feita em português, em meio a representantes brancos de diversas entidades religiosas e de direitos humanos. Com esse verdadeiro “puxão de orelha”, sua fala teve papel fundamental na aprovação da reforma constitucional que garantiu, pela primeira vez, o reconhecimento legal dos direitos indígenas à terra no Brasil.

No primeiro ensaio que tem o mesmo título do livro “Um rio um pássaro”, Krenak revisita suas viagens pela Amazônia ao lado do fotógrafo japonês Hiromi Nagakura, quando visitou aldeias de povos como os Ashaninka, Katukina, Yawanawá, Yanomami, Macuxi e Huni Kuin. A escrita é ao mesmo tempo memorialística e crítica, tecendo relatos de encontros, rituais e paisagens com reflexões sobre o apagamento das culturas indígenas e a degradação ambiental causada pela civilização ocidental.

Um dos pontos centrais do ensaio é a maneira como os povos indígenas enxergam a floresta não como um recurso a ser explorado, mas como um espaço de pertencimento, espiritualidade e conexão ancestral: “nós entendemos que a floresta é um ser vivo. A floresta sustenta milhares de pessoas, animais e plantas. É a fonte da vida” (Krenak, 2023, p. 29).

Krenak contrapõe essa visão ao pensamento ocidental, que reduz a natureza a um conjunto de mercadorias. Ele também reflete sobre a memória e a resistência indígena, destacando a importância dos ritos, da dança e da oralidade para a transmissão de saberes e para a continuidade das culturas originárias.

Ainda tratando da contradição social, especialmente ligada ao pobre e ao seu futuro, Krenak observa que a solidariedade tende a se proliferar mais entre aqueles que pouco possuem do que entre os que muito têm. “É um mistério que as pessoas mais pobres sejam mais solidárias. Aquele que tem duas bananas oferece uma para o outro. Mas quem tem um caminhão de bananas nem pensa em compartilhar” (Krenak, 2023, p. 31). Em linhas gerais, esse gesto de transformação de vidas demonstra que “dentro de uma vida coletiva, em que convivem jovens e crianças, adultos e idosos, desenvolvemos um espírito generoso, capaz de considerar um ao outro” (Krenak, 2023, p. 32).

Nesse primeiro momento, surgem também reflexões sobre arquitetura e tecnologias próprias da floresta. Para o senso comum, estar na mata significa afastar-se da tecnologia; na realidade, trata-se de acessar outros modos de conhecimento, como a construção de casas comunais que abrigam centenas de famílias, vivendo em harmonia, sem paredes ou lajes que as separem, diferentemente dos prédios urbanos onde cada morador permanece isolado, muitas vezes sem conhecer o vizinho. Assim, as críticas de Krenak ao modo de vida do “branco” evidenciam o contraste social e ajudam a contextualizar práticas que reduzem fronteiras de preconceito e desmentem a visão distorcida de escassez imposta aos povos originários.

Ao longo do primeiro capítulo, Krenak nos conduz em viagem por diversas aldeias indígenas e, nessa convivência, aprendemos com os ensinamentos comunitários, sobretudo que a floresta é o maior tesouro. No Rio Juruá, na Aldeia Breu da Terra Ashaninka, por exemplo, a comunidade se enfeita como pássaros e animais para compartilhar beleza. A palavra “samaúma” significa “união da beleza” e, ao cantar para a samaúma, há um despertar ancestral, um ritual que convoca espírito de força, gratidão e reverência à floresta. A experiência com a natureza não pode ser medida por dimensões físicas, como fazem os ocidentais, mas por sua espiritualidade e fonte de vida.

No segundo ensaio, “Uma cachoeira”, escrito décadas depois, Krenak aprofunda a crítica ao modo de vida contemporâneo e ao distanciamento entre cultura e natureza. Ele menciona o “abismo cognitivo” que nos impede de perceber a destruição ambiental como problema urgente e denuncia a neutralidade como uma forma de cumplicidade, pois ao se omitir diante da devastação, naturaliza-se a violência contra a terra e legitima-se a continuidade de práticas predatórias.

Escrito em 2023, o ensaio expande as discussões que o autor já havia iniciado em textos anteriores, mas com um tom mais urgente e apocalíptico, dada a aceleração dos processos de destruição ambiental. Logo no início, Krenak introduz o conceito de “abismo cognitivo”, uma ideia central no ensaio que denuncia a desconexão entre o ser humano e a natureza, principalmente nas sociedades urbanas e industriais. Esse abismo se caracteriza pela incapacidade da humanidade de perceber a natureza como um ente vivo e interconectado, mas sim como um recurso a ser explorado e consumido. Essa desconexão é uma das maiores tragédias do nosso tempo, pois impede a criação de uma relação mais harmoniosa com o mundo.

A palavra “cachoeira” é utilizada como metáfora para a fluidez e a interdependência da vida. A cachoeira, com sua força natural e transformação constante, simboliza um ciclo de renovação e resistência. Krenak, portanto, sugere que devemos aprender a ouvir e a observar

a natureza com a mesma atenção com que se observa a dinâmica da água em movimento, o que reforça a tese de que “a água, quando ela encontra uma resistência muito forte, muito dura, ela forma uma cachoeira maravilhosa. Ela explode em energia que se espalha na atmosfera, alcançando o sentido do prana” (Krenak, 2023, p. 73). Prana é o valor inerente da vida, o princípio de cura, é como se alimentar de luz. “E a vida é dança, e é uma dança cósmica” (Krenak, 2023, p. 74). Isso implica, entre outras coisas, um resgate da sensibilidade e do encantamento com a beleza e a complexidade do mundo natural, sentimentos que se perderam em meio ao progresso tecnológico.

Outro ponto crucial do ensaio é a crítica a um conceito amplamente disseminado na sociedade contemporânea: a neutralidade. Krenak observa que, frequentemente, as pessoas adotam uma postura neutra diante das catástrofes ambientais, como se o problema não fosse uma questão ética ou moral, mas algo que transcende a ação humana. Essa neutralidade, para ele, é uma forma de conivência com o status quo, que perpetua a destruição e o empobrecimento do planeta.

O autor coloca em questão a ideia de que não devemos permanecer “neutros” em situações de opressão ou devastação. O engajamento com a natureza e com os direitos humanos, segundo Krenak, é fundamental. A crise ambiental é, para ele, um reflexo de uma ética de indiferença que permeia as sociedades modernas, o que exige uma postura radical de resistência e reconstrução de valores.

Ao longo do texto, Krenak faz um apelo constante à reverência pela natureza, algo que permeia toda a sua obra. Ele destaca a importância da memória indígena como uma maneira de recuperar a conexão com o planeta. A cosmovisão indígena, que vê a natureza como sagrada, é apresentada como uma alternativa à visão utilitarista e antropocêntrica que domina o pensamento ocidental.

A natureza não é apenas uma “paisagem” ou um conjunto de recursos, mas algo vivo, com direito a existir de forma plena e digna. Krenak defende que a crise ambiental não é apenas uma crise ecológica, mas também uma tensão cultural e espiritual. A destruição da natureza está intrinsecamente ligada ao enfraquecimento das culturas que a respeitam, como as culturas indígenas, que, ao longo de sua história, aprenderam a viver em harmonia com o meio ambiente.

A escrita de Krenak, neste ensaio, combina uma linguagem poética com a urgência de quem sente que o tempo para a mudança está se esgotando. Ao utilizar metáforas e imagens poderosas, como a da cachoeira que segue seu curso sem se importar com as barreiras que encontra, Krenak propõe uma reflexão pertinente sobre como podemos, enquanto sociedade, repensar nossa relação com a natureza e nossos modos de vida. Essa escrita é um convite não só à reflexão, mas à ação, com a intenção de provocar no leitor um despertar para a importância da preservação ambiental.

Ao contrário de um discurso técnico ou acadêmico, o ensaio de Krenak apela, recorre para a sensibilidade emocional do leitor. Ele quer que as pessoas sintam, mais do que compreendam, a necessidade de reverter o processo de destruição que o planeta está enfrentando. A combinação de racionalidade e poesia serve para criar um texto impactante e envolvente, que não apenas informa, mas também mobiliza.

“Uma cachoeira” é um texto profundamente filosófico e visionário que oferece não apenas uma crítica contundente à sociedade contemporânea, bem como realiza um convite à transformação. Krenak propõe um desafio ético e cultural: que possamos, como sociedade, reconstruir nossa relação com a natureza, resgatar a reverência que tínhamos por ela e, sobre-

tudo, aprender a ouvir as vozes que se calam diante da destruição. Em um momento de crise ambiental global, as palavras de Krenak oferecem não apenas um diagnóstico, mas também uma rota possível para a mudança, ou seja, uma mudança que começa na nossa maneira de pensar e de sentir o mundo. Com efeito, “Uma cachoeira” é um ensaio fundamental para entender os tempos que vivemos, as raízes do colapso e as possibilidades de reconfiguração de um futuro mais equilibrado entre humanidade e natureza.

Ademais, o ensaísta articula, de maneira magistral, o pensamento filosófico e as narrativas de resistência, convidando o leitor a rever sua relação com o mundo. Sua crítica à sociedade industrial e ao pensamento cartesiano não é apenas uma denúncia, mas uma provocação para que construamos alternativas ao modelo atual de desenvolvimento.

Por fim, *Um rio um pássaro* é mais do que um livro de ensaios: é um manifesto pela preservação da vida e da diversidade cultural e ambiental. Com sua prosa lírica e reflexiva, Ailton Krenak nos alerta sobre os perigos do modelo de civilização dominante e nos convida a reimaginar nosso papel no planeta. Afinal, na língua Krenak, a palavra viver é a mesma de respirar. “Todo universo respira. Por isso, no momento em que recebemos a vida, entramos no ciclo da Terra e nos mantemos coordenados com a respiração do universo” (Krenak, 2023, 46).

Portanto, seja para aqueles que já acompanham o pensamento do autor ou para novos leitores, esta obra é essencial para compreender o legado indígena e suas potentes respostas aos desafios do presente.

Referências

KRENAK, Ailton. *Um rio um pássaro*. Rio de Janeiro: Dantes Editora, 2023.